

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS - INGLÊS

DANIELA BOS

**A ANGÚSTIA DA TRADIÇÃO: A INFLUÊNCIA DE ESCRITORES PORTUGUESES
NO SÉCULO XIX NO MODERNISMO PORTUGUÊS - O CASO "FAUSTO" DE
FERNANDO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso

PATO BRANCO

2018

DANIELA BOS

A ANGÚSTIA DA TRADIÇÃO: A INFLUÊNCIA DE ESCRITORES PORTUGUESES NO SÉCULO XIX NO MODERNISMO PORTUGUÊS - O CASO "FAUSTO" DE FERNANDO PESSOA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Português- Inglês, do Departamento de Letras, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Linha de Pesquisa: Literatura Portuguesa

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariese Ribas Stankiewicz

PATO BRANCO 2018



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO


LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS


FOLHA DE APROVAÇÃO

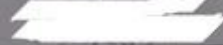
Autor (a): **Daniela Bos**

Título: **A angústia da tradição: a influência de escritores portugueses no século XIX no modernismo português – o caso "Fausto" de Fernando Pessoa**


Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em 06/12/18, pela comissão julgadora:


Prof.^a **Dra. Mariese Ribas Stankiewicz** – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca


Prof. Dr. **Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier** – UTFPR Pato Branco
Coorientador e Membro da Banca Examinadora


Prof. Me. **Nilson de Farias** – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:


Prof.^a **Ma. Rosângela Aparecida Marquez**
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

Em memória de Sabina e Athaydes.

AGRADECIMENTOS

Pensei que escrever os agradecimentos seria fácil, mas são tantas as pessoas que fizeram parte disso, quanto são as pessoas de Pessoa.

Meus pais são as peças fundamentais da minha existência, conduziram-me ao que sou hoje, sou grata por ser forte, porque eles são fortes e me encorajaram em todas as decisões importantes. Deram-me uma irmã, e hoje entendo como isso foi importante, pois ela é a minha metade, minha alma gêmea. Obrigada.

Rômulo, é a pessoa chave para que eu conseguisse dar o primeiro passo. Foi ele que me encorajou a voar e por isso, serei eternamente grata. Entenda que o mundo é seu. Use sua inteligência e conquiste-o, assim como fez comigo.

Meu querido filho Raul, obrigada por ter me escolhido e por me deixar ser sua princesa.

Juviliana Sabbi, é meu exemplo de Mulher Maravilha, é a mulher mais guerreira que surgiu na minha vida. Obrigada por todas as longas conversas e conselhos.

Yago é a minha pessoa no mundo. Não sei mensurar o tamanho da sua importância na minha vida. Agradeço a Deus por te colocar nela, agradeço que, mesmo longe sempre está perto. Christiny é a melhor amiga que alguém possa querer, melhor dupla, companheira, ser iluminado e estressado, obrigada por esses quatro primeiros anos da nossa história, nos vemos em breve em algum país da Europa. Lais e Bruna, são as mulheres de fibra que a universidade me deu. Fazem parte da minha felicidade mesmo que, algumas vezes, o tempo esteja nebuloso. Obrigada por fazerem parte disso e, lembrem-se: vocês podem tudo que quiserem.

Professores, a importância de vocês não cabe aqui. Todos tiveram um papel fundamental para a minha formação acadêmica, pessoal e espiritual. Devo muito a todos, mas alguns tornaram-se incrivelmente decisivos no meu crescimento como ser humano.

Rodrigo. Professor Rodrigo, não sei quantas vidas serão necessárias para agradecer tudo que fez e faz por mim. Nunca me deixou sozinha no deserto, ensinou-me amar Pessoa e está conduzindo-me à Terra Prometida. Obrigada por não desistir de mim.

Querida Mariese, um anjo em forma de professora. A professora mais inteligente e corajosa que conheci. Acolhe todos com amor e carinho, mesmo que seja

um desafio. Obrigada por fazer parte desta etapa tão importante para mim, e ainda, aproveito para agradecer por me apresentar Godot.

Querido Deus, a ti agradeço diariamente. Mesmo sendo uma filha, às vezes distante, sei que me guia aos caminhos que mereço e me dá apenas às batalhas que posso vencer.

Que o tempo cesse!
Que pare e fique sempre este momento!
Que eu nunca me aproxime d'esse
Horror que mata o pensamento!
Envolvei-me, fecha-me dentro em vós

E que eu não morra nunca.

(PESSOA, 2018, p. 109 – 110)

RESUMO

BOS, Daniela. **A angústia da tradição: A influência de escritores portugueses no século XIX no modernismo português - o caso “Fausto” de Fernando Pessoa.** 2018. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Letras Português- Inglês- Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

Mesmo que Fernando Pessoa tenha sido influenciado, principalmente, por Goethe ao recriar a lenda Fausto, pretende-se aqui, tecer uma teia de influências de outros poetas e prosadores que terão influenciado, positiva ou negativamente, em maior ou menor grau, a escrita do Fausto pessoano. Tomando por base as quatro publicações do Fausto de Pessoa e como principais aportes teóricos, Harold Bloom, Ludwig Scheidl, Albin Eduard Beau e Eduardo Lourenço e Jeronimo Pizarro este trabalho visa, reconstruir a partir das influências dos portugueses Gomes Leal, Eugenio de Castro e Eça de Queiroz, com base nas evidências encontradas no espólio pessoano, obras literárias, na Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca particular de Fernando Pessoa e na Casa Fernando Pessoa parte dessa rede de influências.

Palavras-chave: Fernando Pessoa. Fausto. Influências literárias. Poetas portugueses.

ABSTRACT

BOS, Daniela. **The anguish of tradition: The influence of Portuguese writers on the nineteenth century Portuguese modernism – Fernando Pessoa’s “Fausto” case.** 2018. 49 f. TCC (Language Graduation Course), Federal University of Technology – Paraná, Pato Branco, 2018

Even if Fernando Pessoa may have been influenced mostly by Goethe when re-creating the legend of Fausto, we intend to comment on a series of influences from other poets and prose writers that may have influenced, either positively or negatively, slightly or majorly, the writing of Pessoa’s Fausto. Using the four publications of Pessoa’s Fausto, and Harold Bloom, Ludwig Scheidl, Albin Eduard Beau and Eduardo Lourenço and Jeronimo Pizarro as theoretic contribution, this piece intends to reconstruct by revisiting the influence of Gomes Leal, Eugenio de Castro and Eça de Queiroz, based on evidences found on Pessoa’s assets on National Library of Portugal, Fernando Pessoa’s personal library and on Casa Fernando Pessoa a part of this mesh of influences.

Keywords: Fernando Pessoa. Fausto. Literary influences. Portuguese poets.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Título riscado em lista de livros a vender (BNP/E3, 93-100r, pormenor)...24	24
Figura 2 - Soneto em O Notícias Ilustrado25	25
Figura 3 - Leituras de Pessoa em 8 de Maio de 1907 (BNP/E3, 28A-1r, pormenor).26	26
Figura 4 - Nota sobre Leal e versos (BNP/E3, 30-31r).....28	28
Figura 5 - Lista de livros de Pessoa em consignação (BNP/E3, 93-100r, pormenor)29	29
Figura 6 -Crítica de Pessoa à poesia de Eugenio de Castro (BNP/E3, 14B-57r; Pessoa, 2013a: 95)30	30
Figura 7 - Influências de Pessoa (BNP-E3, 48D-20r, pormenor)31	31
Figura 8 - Lista de livros de Pessoa em consignação (BNP/E3, 93-100r, pormenor)33	33
Figura 9 - Traduções de Charles Search.....34	34
Figura 10 - Cartão do Salão de Humoristas Portugueses (BNP/E3, 48I-12v)37	37
Figura 11 - BNP/E3, 48I-12r (Pessoa, 2018. p, 350).38	38
Figura 12 - BNP/E3, 48A-48v, pormenor38	38
Figura 13 - BNP/E3, 48D-15r, pormenor39	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A CHEGADA DO FAUSTO EM PORTUGAL E A INFLUÊNCIA DE GRANDES CLÁSSICOS	16
2 A VOZ DO OCIDENTE EM GOMES LEAL	25
3 O DIAMANTE PURO DE EUGENIO DE CASTRO.....	31
4 OS CLÁSSICOS FAÚSTICOS EM EÇA DE QUEIROZ	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS.....	46

INTRODUÇÃO

A primeira edição do Fausto de Fernando Pessoa (1952), preparada por Eduardo Freitas da Costa, apresentou uma antologia de poemas dramáticos, sobre a busca do conhecimento e os seus abismos. As duas edições que se seguiram (1986 e 1988), organizadas por Duílio Colombini e Teresa Sobral Cunha, aprimoraram as transcrições de Costa e ampliaram grandemente o corpus da obra; além de muito mais versos, apresentaram planos e listas que revelavam o fluido pensamento editorial de Pessoa sobre esse projeto dramático. Na edição crítica de 2018, propondo uma organização cronológica dos textos fáusticos, Carlos Pittella separou os poemas com atribuição explícita dos de atribuição duvidosa, compilando ainda uma série de anexos: fragmentos, planos, listas e outras referências de Pessoa ao seu próprio Fausto.

Pode-se dizer que essas quatro edições tomaram, pois, como *corpus* os papéis encontrados no espólio pessoano que foram atribuídos pelo poeta ao seu Fausto, ou que os editores consideraram atribuíveis ao Fausto – além dos textos de suporte em que o poeta planeja, lista ou reflete sobre a obra em questão. No entanto, nenhuma dessas edições considerou como parte integrante do corpus os apontamentos pessoais sobre outros *Faustos*, outras recriações do mito que possam ter influenciado Pessoa.

Certamente isso é menos falha do que limitação das edições, pois a consideração de todo o material que possa ter influenciado o Fausto pessoano alargaria demasiadamente o *corpus*. Entretanto, desde a edição *princeps*, Costa apontava, em nota, a importância de contrapor a obra de Pessoa a outros Faustos:

Ficará para outro lugar o ensaio que parece indispensável sobre este Primeiro Fausto confrontado com o Fausto de Goethe e o Manfredo de Byron – como expressões dramáticas de um mesmo tema. Seria levar já muito longe uma simples e despretensiosa nota explicativa. (Costa *in* PESSOA, 1952. p,20)

Na edição de 2018, Pittella sugere algumas conexões de uma rede de influências, ao tecer considerações sobre o momento genesíaco do Fausto a partir da materialidade dos suportes usados por Pessoa. Este projeto de investigação propõe-se a explorar as conexões sugeridas por apontamentos no espólio pessoano, a partir de marginálias e por evidências na biblioteca particular do poeta sobre escritores portugueses anteriores a Fernando Pessoa, recriadores do mito fáustico: Gomes

Leal, Eugênio de Castro e Eça de Queiroz.

Enfoca-se, aqui, apenas as relações prováveis do *Fausto* pessoano com outros autores. Por provável, entenda-se uma relação entre Pessoa e um autor de outro *Fausto* que possa ser comprovada com base em apontamentos do espólio pessoano ou em evidências de leitura na biblioteca particular do poeta.

Ainda que baseados em publicações do *Fausto* pessoano anteriores à edição crítica de 2018, outros investigadores ofereceram contributos para o estudo que aqui se propõe. Destaque-se o trabalho pioneiro de Albin Eduard Beau (1964), inserindo-o na tradição literária portuguesa. De Almeida Garret a Gomes Leal, passando por Teófilo Braga e Eça de Queiroz, muitas possíveis influências sobre Pessoa foram sugeridas por Beau, que, entretanto, enfocou as relações entre esses recriadores do mito fáustico e a obra de Goethe – ao passo que aqui a proposta é estudar as dívidas de Pessoa para com tais autores, a partir das evidências dessas dívidas encontradas no espólio e biblioteca pessoanos. Em suas conclusões, Beau deixa-nos a seguinte passagem, como um desafio à posteridade:

A obra, a personalidade e a cultura literária e filosófica de Fernando Pessoa ainda não foram suficientemente investigadas e analisadas para se entrar em pormenores acerca destas relações entre o *Fausto* de Pessoa e o de Goethe. Não deixa, porém, de ser significativo que Pessoa julgou ver na figura de *Fausto* a imagem mais impressionante da existência humana [...] (BEAU, 1964. p, 518).

Apoiando-se em Beau que retomou e resumiu, num artigo de 1983, a presença de Goethe no mundo lusitano, o resumo possui uma espécie de mapa cronológico das influências fáusticas no mundo lusófono. Ludwig Scheidl (1986 e 2004), Maria Manuela Gouveia Delille (1984) e Markus Lasch (2006) também estudaram o mito fáustico na literatura portuguesa. Dentre eles, foi Scheidl quem propôs mais possibilidades de leitura do drama pessoano em confronto com outros *Faustos* – oferecendo pistas de relações literárias que este trabalho busca comprovar. Por exemplo, num argumento generalizante, Scheidl compara os *Faustos* de Pessoa, Goethe e Byron:

Foi já apontado o carácter nocturno [sic] do Primeiro *Fausto* [de Pessoa] como traço de derivação romântica: sem querermos negar este aspecto,

ainda que as cenas tradicionais de Fausto no seu gabinete decorram de noite, parece-nos mais importante da herança romântica a tônica niilista presente em Manfredo e que o Fausto de Fernando Pessoa igualmente exprime. Não foi a fábula de Manfredo, como não foi a do Fausto de Goethe, que interessou Fernando Pessoa: o que captou essencialmente foi a ambiência mental, o desespero niilista, a não aceitação das verdades tradicionais e das imposições sociais e religiosas, a afirmação do eu individual, a busca do esquecimento e da morte como alternativas à existência. (SCHEIDL, 2004. p,169-170).

Investigar os documentos do espólio¹ pessoano, as evidências da biblioteca particular do poeta e estudos já realizados, demanda tecer um caminho de influências nem sempre positivas no mundo pessoano, pois, há tanto dívidas quando rupturas que podem ora causar filiação, ora afastamento já que o próprio poeta sugere que tudo tem influência sobre ele. Algumas lacunas ainda são bem visíveis já que Goethe não foi o único influenciador.

Evidentemente que não se trata de esgotar todas as possibilidades de compreensão e interpretação da realidade empírica do texto, mas com isso, criar um instrumento teórico analítico norteado pela investigação bibliográfica, percorrendo por teóricos como Ludwig Scheidl, Albin Eduard Beau, Harold Bloom, Eduardo Lourenço, e todas as quatro versões publicadas do *Fausto* pessoano.

A pesquisa documental, na qual as fontes de pesquisas incluem bibliografia ativa, que surge na forma das quatro versões já publicadas do *Fausto* pessoano e passiva com os prefácios e publicações da obra de Fernando Pessoa, tendo como principal fonte de pesquisa a coletânea editada por Jeronimo Pizarro e Patrício Ferrari em 2010, intitulada, *A Biblioteca particular de Fernando Pessoa* (BpFP) além de documentos originais do espólio do poeta presentes na Biblioteca Nacional de Portugal. O acesso ao espólio deu-se através da equipe de Jerónimo Pizarro e os documentos foram disponibilizados em versão *fac-similada*, sendo transcritos de acordo com as normas utilizadas e desenvolvidas pela equipe de Pizarro.

Vale ressaltar ainda que, por se tratar de uma investigação pelas obras de três grandes escritores portugueses, seus romances, antologias e poemas tem um papel fundamental para os resultados finais do trabalho, dentre eles cito: *Claridades do Sul* de Gomes Leal; *Antologia* de 1902 de Eugenio de Castro; *A Relíquia*, *O Mandarim*, *Primo Bazilio* de Eça de Queiroz entre outros títulos literários destes

¹ Espólio: conjunto de bens que ficam por morte de alguém. Conjunto de bens deixados por alguém que morre = herança. Nesse sentido entende-se como espólio pessoano todos os escritos deixados pelo poeta em seu baú, que hoje estão digitalizados e encontram-se na Biblioteca Nacional de Portugal.

autores.

A principal motivação para a realização deste trabalho é proveniente do resultado de pesquisas do Grupo de Estudos Lusófonos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco/ PR, sob a orientação do professor dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier e a equipe de pesquisadores de Jeronimo Pizarro da Universidad de Los Andes, Colômbia, e teve como principal enfoque três grandes recriadores da lenda faústica cujos nomes surgiram em transcrições, leituras e apontamentos deixados no espólio pessoano.

1 A CHEGADA DO FAUSTO EM PORTUGAL E A INFLUÊNCIA DE GRANDES CLÁSSICOS

O tema fáustico no cenário literário e cultural de Portugal é importado, já que a sua recepção no século XIX é dada majoritariamente ao *Fausto* de Johann Wolfgang von Goethe. Entretanto, os literatos portugueses e intérpretes do *Fausto* demonstraram grande interesse e enorme conhecimento sobre o assunto. A primeira versão do *Fausto* em língua portuguesa, é de Agostinho d'Ornellas (1862 e 1873) porém, é a partir da segunda metade do século XIX que muitos trabalhos literários e críticos de produção portuguesa foram marcantes, tendo Fernando Pessoa como um dos seus representantes mais importantes.

De um ponto de vista histórico literário, o tema Fausto foi trazido para as letras portuguesas por Almeida Garret (1799 -1854) em *Viagens na minha Terra* publicada de 1843 a 1845 em folhetins na *Revista Universal Lisboaense* e somente no ano seguinte em volume. Nele, o autor expressa uma grande estima pelo poeta alemão Goethe e, com sua tradução tenta divulgar o drama em Portugal e ao mesmo tempo expressa o desejo de nacionalização da lenda, com uma figura que reflete a “luta do homem português” pela liberdade e superação de uma opressão de séculos. Tendo como linha condutora o ressurgir da consciência cultural do país.

Posteriormente, Garret descobre a lenda de Frei Gil do século XIII, que representa a história de santidade de frei Gil, que na verdade não é um Fausto, é a história de tentação e não rebelião pois, “Faust representa as contradições da transição para a História moderna, Frei Gil ainda só é o monge medieval” (SCHEIDL, 2004. p, 163). Ainda sobre a tentativa de nacionalização da lenda, Scheidl cita que “não foi conseguida nem por Almeida Garret nem por Eça de Queirós” (idem).

Na tentativa de uma representação nacional para o Fausto, António Feliciano de Castilho (1800-1875) está ligado a polémica literária de 1872 chamada de “questão do Fausto” por conter na sua versão fáustica inúmeros erros de tradução e incompreensões de texto, já que Castilho era visto “como representante de uma escola literária ultrapassada, que se opõe a uma verdadeira renovação das letras portuguesas” (SCHEIDL, 2004. p, 164). Contudo, Bloom afirma que, “a ironia de uma época que não pode ser a de outra, mas as influências-angústias estão embutidas na base agonística de toda literatura de criação” (2002. p, 25.).

Levando em consideração de que o *Fausto* de Fernando Pessoa “permanece a única versão portuguesa do tema-Fausto no século 20” (SCHEIDL, 2004. p, 163), e sendo rodeado por todo o otimismo de conquistas da ciência e nova civilização industrial refuta na descrença e pessimismo finissecular da população que para o poeta português Fernando Pessoa,

chegámos a uma época singular, em que nos aparecem todos os característicos de uma vida intensa e progressiva [...]. O Mercantilismo político, a dissolução nacional chegou ao fundo. Mas, com isto tudo progrediam as indústrias, multiplicava-se o comércio, a ciência continuava descobrindo. (PESSOA, 1966. p, 89)

Essa herança conduziu a crises que desencadearam no campo político e militar, sendo expressivo com a I Guerra Mundial, tendo reflexos expressivos na literatura, que levou a um vazio cultural e artístico com grande apelo pela morte, decadência, busca por símbolos novos para tentar suprir o medo existencial que a cada passo transmite sensações e sentimentos novos e diferentes, e ao mesmo tempo, uma entrega à beleza e perfeição estética, denominadas pelo conceito “*fin-de-siècle*”.

Eduardo Lourenço, na obra *O lugar do Anjo: Ensaio Pessoaanos*, cita as incertezas humanas que antecederam a modernidade como,

A essência da cultura moderna, daquilo a que chamámos com fervor e orgulho a Modernidade, não reside como habitualmente se diz, na ausência de religião, de metafísica, de ética ou de estética. A era do vazio é um fantasma. Pelo contrário, o que caracteriza a modernidade é o excesso de tudo. As antigas esferas sobre as quais se fundavam as certezas ou as crenças dos homens continuaram a existir, mas cada uma delas separada das outras, autónoma. É essa autonomia instrínseca das manifestações humanas, a todos os níveis, que confere à cultura um perfil essencialmente estilhaçado. (LOURENÇO, 2004. p, 16).

Fernando Pessoa tem sua primeira edição do *Fausto* publicada por Eduardo Freitas da Costa em 1952, sendo apresentado na forma de antologia de poemas dramáticos, seguido por Duílio Colombini em 1986 e em 1988 por Teresa Sobral Cunha que, aperfeiçoaram as transcrições, além de muito mais versos, apresentaram planos e listas revelando mais sobre os planos de Pessoa para esse projeto. Trinta anos

depois da última publicação do *Fausto*, em 2018 a editora portuguesa Tinta da China lança sob a edição de Carlos Pittella, com a proposta de organização cronológica dos textos fáusticos, enriquecido por fragmentos, planos, listas e outras referências de Pessoa ao seu próprio Fausto.

Na edição mais recente do *Fausto*, Pittella sugere algumas conexões de uma rede de influências a partir da materialidade dos suportes usados por Pessoa:

se o poema que editamos como n.º 1 pode não ser o primeiro, o seu suporte material parece ser o mais antigo. Além disso, ao lado da atribuição «Fausto», o documento ostenta a indicação «Monólogo nas Trevas», ecoando o monólogo nocturno da primeira fala do Fausto goethiano.

Foi também em 1907 que Pessoa criou o autor fictício Faustino Antunes [...].

Também data de 1907 uma das edições do *Fausto* de Goethe na biblioteca pessoana, em tradução francesa, havendo outro volume mais antigo, de 1867, com a tradução inglesa de Anster (os demais volumes pertinentes são de publicação posterior). Ainda, segundo um diário de leituras do poeta (BNP/E3, 28A-1'), foi precisamente em 8 de Maio de 1907 que Pessoa leu *Claridades do Sul* de Gomes Leal, livro que contém o poema «Fausto e Mephistopheles». (Pittella in PESSOA, 2018. p, 24).

Diante do peso das influências na escrita do *Fausto* do poeta português, e todas as influências que nele permeiam Harold Bloom (2002. p, 57-58) declara que,

a influência poética não precisa tornar os poetas menos originais; com a mesma frequência os torna mais originais, embora não por isso necessariamente melhores. Não se pode reduzir as profundezas das influências poéticas a um estudo de fonte, à história das idéias [sic], ao modelamento de imagens. A influência poética, é necessariamente o estudo do ciclo vital do poeta como poeta.

Investigar os documentos do espólio pessoano, as evidências da biblioteca particular do poeta e estudos já realizados demanda tecer um caminho de influências nem sempre positivas no mundo pessoano pois, há tanto dívidas quando rupturas que podem ora causar filiação, ora afastamento já que o próprio poeta sugere que tudo tem influência sobre ele. Algumas lacunas ainda são bem visíveis já que Goethe não foi o único influenciador.

Considerando que Goethe (1749-1832) foi uma influência decisiva com relação à escrita do *Fausto* de pessoano. A partir disso, é visto que, na BpFP, encontra-se três traduções do Fausto de Goethe, uma em francês datada de 1907 e outras duas em inglês, de 1867 e 1909, respectivamente, ambas traduzidas por John Anster. Dado que não há marginalia, pode-se perguntar: que leitura Pessoa fez do Fausto Goethiano? Se Goethe foi uma influência decisiva para a escrita de Pessoa, por que não fez anotações nos volumes?

Há muito que se investigar sobre a influência do poeta alemão na obra de Pessoa, em vista disso, Nuno Ribeiro e Cláudia Souza compilaram, em 2017, os escritos de Pessoa sobre Goethe, provendo uma base documental consolidada para estudar as dívidas do poeta. Em meio aos numerosos escritos de Pessoa que fazem menção a Goethe, revela-se um poema do *Fausto* em que o poeta alemão surge como personagem:

GOETHE:

Do fundo da inconsciência
Da alma sobriamente louca
Tirei poesia e ciência,

E não pouca.

Maravilha do inconsciente!

Em sonho sonhos creei
E o mundo attonito sente
Como é bello o que lhe dei.

(PESSOA, 2018. p, 87)

É a partir de 1908 que Pessoa começou escrever consistentemente em português (FERRARI, 2012. p, 7), como demonstra a edição do Fausto de 2018, a materialidade dos documentos desse drama é datada de 1907, tendo dezenas de poemas e fragmentos datados de 1908 e 1909, revelando que a gênese do Fausto pessoano está intrinsecamente ligada a fase de imersão e reinvenção criativa do poeta. É justamente nessa imersão que, Pessoa aproxima-se de Goethe, mesclando diversas tradições literárias.

Sejam em termos cronológicos, ou ordenação da peça, ainda existe uma outra relação entre os dois Faustos. Em ambos, há um mistério que envolve o conhecer-se a si mesmo e o mundo e os limites do conhecimento são contemplados nas duas obras. Além das semelhanças, as diferenças também são visíveis. No *Faust* de Goethe, há uma espécie de arrogância indutiva do protagonista, que depois de percorrer diversas ciências, se percebe que não mais sábio que antes, é um buscador que se depara com um limite humano, demasiado humano, à sua sabedoria. Em contrapartida, o Fausto pessoano segue uma direção diferente, aparentemente oposta do caminho do conhecimento. Ao invés de ir do humano, rumo a um saber impossivelmente divino, Fausto se apresenta como um deus a perder a consciência (“Que sou Deus inconscienciando-se”); mostra-nos um ser “mais real que o mundo” (PESSOA, 2018. p, 37), mas que, não sabe sentir o que é; compreende, divinamente, o mundo “por não-real e não alli” (idem), mas não sabe sentir isso, o que deixa evidente o limite entre saber e sentir/realizar este saber.

Em ambos os Faustos confrontam os limites no ponto de partida, entretanto, se o Fausto alemão ainda quer, por meio do pacto com o diabo, ir além dos limites humanos, o Fausto pessoano parece conhecer a impossibilidade dessa busca, como se já tivesse desistido da busca mesmo antes de começá-la.

Se não há Faustos modernistas sem a sombra de Goethe, é difícil imaginar o *Faust* de Goethe sem a sombra de Christopher Marlowe (1564-1593), como Pittella re-dere-se na introdução à edição crítica de 2018 do *Fausto* pessoano:

[...] se Goethe tivesse dado a palavra final sobre Fausto, a lenda não teria contado com tantos reinventores, entre eles Mikhail Bulgárov, Stephen Vincent Benét, Gertrude Stein, Thomas Mann e Paul Valéry, além de Pessoa. Nem teve Goethe a palavra inicial, pois o seu *Fausto* foi precedido por uma impressão anônima, em alemão (1587), que seria traduzida para o inglês por P. F. Gent (1592) e dramatizada por Marlowe (tendo a estreia ocorrido entre 1588 e 1593). (PESSOA, 2018. p, 21).

Como o volume de Marlowe é datado de 1912 na Biblioteca particular de Fernando Pessoa (BpFP), considera-se que o Doctor Faustus terá sido uma influência secundária sobre o Fausto de Pessoa (secundária em sentido temporal). Os números

suportam que: segundo a edição crítica de 2018, antes de 1912 Pessoa já havia escrito 77 dos 123 poemas atribuíveis ao seu Fausto. No entanto, mesmo tardia, a influência de Marlowe é inegável.

Pessoa escreve um longo poema em inglês com o mesmo título da tragédia de Marlowe, *Doctor Faustus* (PESSOA, 2018. p, 271). Somando 88 versos, tornando-se o maior e mais significativo dos quatro textos em inglês que a edição crítica atribui ao Fausto pessoano. Levando em consideração a data da edição de Marlowe na BpFP ao título e ao conteúdo deste poema, pressupõe-se que Pessoa tenha escrito seu *Doctor Faustus* na ocasião da sua primeira leitura da peça de Marlowe. A seguir, os primeiros versos transcritos da primeira estrofe do poema pessoano e a tradução em português presente na edição de Pittella (2018):

DR. FAUSTUS

Sometimes I, pondering upon the lives
Unconscious and secluded of trite souls,
Of workers in the cities; fishermen
In little fishing towns that show by night
A few lights to a sea that is to them
Ever as a common sound out in the streets;
The common lives, each-day existences
Of villages where cottages are strewn
Rarely across the fields that add with corn;
Sometimes I, pondering upon them, desire
them.
Yet I desire them not. Ah, 'tis a quenchless,
A cunning aspiration and unsimple
Building its wishes even on simple things.
Ah, Faustus, Faustus, is it for the senses,
And unexperienced ◊ of their lives
That thou desirest them, or is it but
A form of thou aspiring unto all,
Thy wish of all, thy lust of everything,
A lust of all senses ◊
And of all forms of things, an ardour struck
At heart with hopelessness; a love, a fire
Consuming its frail fuel but to mount
One span into the heaven and to die
Leaving ashes behind. Is this thy life?
Why wert not thou, oh Faustus, born a man
Like most others, sociable & warm?

(PESSOA, 2018. p, 271-272)

DR. FAUSTUS

Às vezes, ponderando sobre as vidas
Incôscias e isoladas de almas simples,
De obreiros nas cidades; pescadores
De aldeolas de pesca que de noite
Brilham lumes a um mar que é para eles
Tal como o corriqueiro som das ruas;
Vidas comuns, diárias existências
De vilas com cabanas espalhadas,
Raras por campos onde cresce o milho;
Às vezes, ponderando assim, desejo-as.
E inda não as desejo. Ah, é insaciável
Aspiração, manhosa e complicada,
Pondo quererem mesmo em coisas sim-
ples.
Ah, Faustus, Faustus, é pelos sentidos
E inexperiente ◊ das suas vidas
Que tu os desejas, ou será somente
Um modo de aspirares tu a tudo,
Desejo inteiro, uma avidez de tudo ,
De todos os sentidos ◊
E toda forma, ardor tocado ao cerne
Por uma desesp'rança; amor, um fogo
Que o frágil óleo queima só pra alçar
Uma centelha aos céus e então morrer
Deixando cinzas. É esta a tua vida?
Porque, Faustus, tu não nasceste um ho-
mem
Como os demais, ameno e sociável?

(Tradução de Carlos Pittella
in PESSOA, 2018. p, 274-275)

George Gordon Byron (1788 -1824), mais conhecido como Lord Byron, quando acusado de plágio, por seu *Manfred* lembrar tanto o *Faust* de Goethe, quanto o *Doctor Faustus* de Marlowe, terá dito: “The devil may take both Faustuses, German and English - I have taken neither” (*apud* Shorter, 1965. p, 23), em uma tradução literal “que o diabo leve ambos os Faustos, o Alemão e o Inglês - eu não levei nenhum dos dois”. Mais tarde, Byron admitira a influência de Goethe e contaria que teria escutado uma tradução oral de certas passagens do *Faust* goethiano em 1816, enquanto trabalhava no *Mafred* (BOYD, 1932. p, 161-162).

Fernando Pessoa não tinha dúvidas da influência de Goethe sobre Byron. Isso fica evidente em um apontamento do poeta sobre a obra byroniana: “Byron é pouco original. Nos seus primeiros anos litterarios soffreu a influencia de Gifforf e de Scott, depois a de Goethe” (PESSOA, 2013a. p,81).

O exemplar das obras de Byron preservado na BpFP é de 1905. Das três obras encontradas (*Manfred*, *Beppo* e *Don Juan*) apenas *Beppo* apresenta marcas de leitura e quase uma dúzia e versos sublinhados. Corroborando a datação entre 1904 e 1905 de uma lista de influências de Pessoa, a qual Pessoa cita quatro vezes como sendo presença determinante a figura de Byron:

1904-1905 = Influencia de Milton e dos poetas ingleses da epoca romantica – Byron, Shelley, Keats e Tennyson. (Tambem, um pouco depois, e influenciando primeiro o *contista*, Edgar Poe.) Ligeiras influencias tambem da escola de Pope. Em prosa, Carlyle. Restos de influencias de sub-poetas portuguezes lidos na infancia. – N’este periodo a ordem das influencias foi, pouco mais ou menos: – (1) Byron; (2) Milton, Pope e Byron; (3) Byron, Milton, Pope, Keats, Tennyson e ligeiramente Shelley; (4) Milton, Keats, Tennyson, Wordsworth e Shelley; (5) Shelley, Wordsworth e Keats e Poe. (ACR, 219J -f3’).

Certamente a leitura de Byron entre 1904 e 1905 impactou Pessoa, o que se pode verificar não só pela lista de influências escrita pelo próprio poeta, mas também por meio de ideias e imagens da obra dos pré- heterônimos. Portanto, é natural que a recriação faústica de Byron tenha sido, juntamente com a de Goethe uma das primeiras influências do longo processo de escrita do *Fausto* pessoano, como já citava na

versão *princeps* de Eduardo Freitas da Costa, “parece indispensável sobre este Primeiro Fausto confrontado com o Fausto de Goethe e o Manfredo de Byron como expressões dramáticas de um mesmo tema”. (Costa *in* PESSOA, 1952. p, 20).

Nathaniel Hawthorne (1804-1864), escritor e contista norte-americano escreve em 1850 a obra “*Scarlet Letter*”, considerada o Fausto Puritano. Para senso comum o puritanismo está ligado às relações sexuais é preciso ampliar o conceito para,

a prática do ascetismo intramundano ou ética puritana não se resume à rejeição dos prazeres sexuais, puritanismo não é somente sexo. Se não é somente sexo, é sexo também. Por via paralela: também não é somente honestidade, embora o puritanismo seja mesmo um conjunto de moralidades que inclui a honestidade como um de seus frutos mais maduros. Também não é somente respeito à propriedade privada, vida de fé e religião, defesa da família nuclear, apologia das guerras justas ou santas, afastamento do gozo estético, limitação da reflexão e do livre pensamento, incentivo ao trabalho, frugalidade e economia. É tudo isso ao mesmo tempo. (CAMPOS, 2008. p, 2).

Hawthorne esforçava-se para criar ao seu leitor a ideia e a imagem de uma comunidade grave e séria, de pessoas frias e distantes, reservando sempre um comentário provocativo a respeito da hipocrisia que nasce em comunidades da época e que são tão rígidas e ríguas. *A letra escarlata* é uma obra que nasce da realidade puritana do próprio autor que não teve a oportunidade de viver em um universo tão desamarrado do imaginário social, ao passo que constrói uma realidade literária, fantástica e puritana.

Os documentos referenciando Hawthorne no espólio pessoano são vagos, porém o poeta trata a obra e autor como sendo:

Nathaniel Hawthorne, que nasceu em 1804 e morreu em 1864, é tido por o maior dos novellistas americanos, e por um dos maiores que escreveram em língua inglesa.

A *Letra Encarnada*, publicada em 1850, é a sua obra principal. A ella chamou um critico “o Fausto puritano”, e accrescentou que era” a unica verdadeira obra- prima” que a prosa americana produzira. “É”, disse outro, “uma tragedia sinistra, em que as consequencias do erro se deliniam com uma simplicidade, um desinvolvimento seguro, e uma implacabilidade dignas das tragedias de Euripides”. Henry James, que tem pelo menos a auctoridade da sua enorme fama de romancista, classificou-a¹ de “o romance em prosa mais superiormente typico que surgiu do solo americano”. E estas opiniões, longe de serem peculiares d’estes criticos, são representativas da generalidade da opinião critica inglesa. (PESSOA, 2013a. p, 131-132).

A principal influência de Hawthorne na escrita do Fausto pessoano está relacionada à tradução e publicação da *Letra Encarnada* a partir do ano de 1926 na revista portuguesa *Ilustração*, no formato de folhetins. Como era de costume o nome de Fernando Pessoa não apareceria como tradutor. Diante dos fatos, leva a crer que a influência nos anos finais, propriamente entre 1926 e 1933, da escrita do *Fausto*, Pessoa teve grande contato com a literatura, já que a obra de Hawthorne surge na Biblioteca de Fernando Pessoa em uma lista de volumes vendidos das consignações, datada de 1931, junto de três volumes de Conan Doyle “*Memories of Sherlock Holmes*”, “*The Sign of Four*” e “*The Mystery of Cloomber*” (PIZARRO, 2010. p, 441).

2 A VOZ DO OCIDENTE EM GOMES LEAL

António Duarte Gomes Leal nasce em Lisboa em 1848. Filho ilegítimo de um funcionário público, vive com a mãe e irmã. Quando a irmã morre, publica *Claridades do Sul*, sua primeira obra poética. Converte-se ao catolicismo depois do falecimento de sua mãe, tendo grande influência na sua obra. Entre os anos de 1899 e 1910 torna-se um escritor assíduo, publicando quase diariamente em jornais e revistas portuguesas. No fim da sua vida vive seus dias de miséria, primeiramente vivendo de caridade alheia, e posteriormente, sustentando-se com uma pensão anual do Estado português que foi conseguida por um grupo de amigos.

Estreando aos dezoito anos na *Gazeta de Portugal* com o poema intitulado “Aquele Morta”, (CORREIA, s/d) Gomes António Duarte Gomes Leal é considerado precursor do Modernismo Português, tendo sido referido por Fernando Pessoa como um de seus mestres. O poeta finissecular manifesta em sua obra poética e panfletária grande apreço pela essência histórica e religiosa, posicionando-se, muitas vezes, de forma pessimista e acusadora. No entanto, é por meio desse apelo à história que busca um sentido para a vida.

Sua poesia compreende na estética parnasiana, da qual as principais preocupações, além de ordem formal e plástica, inserem-se na procura da pureza original dos tempos da história. Como por exemplo, *Claridades do Sul*, onde muitos dos seus poemas representam sentimentos de desânimo e aflição associados à miséria e pobreza.

Outra grande característica do poeta, é a preocupação que manifesta na relação com os leitores, quando acrescenta uma Nota na segunda edição de *Claridades do Sul*. Dedicava-se em deixar claro para o leitor sua tarefa como escritor e que a este compete:

trabalhar a sua ideia, lapidá-la, poli-la, desenvolvê-la, facetá-la, de maneira que ela seja como um grande ele em que se vão encatenar um rosário luminoso de outras novas, e que ela saia transformada desse vasto laboratório intelectual, por um processo misterioso semelhante ao que dá a Natureza, transformando a lagarta a borboleta, o carvão o diamante, e da ostra doente a pérola. (LEAL, 1901. p, 11)

No que diz respeito a Fernando Pessoa, Teresa Sobral Cunha talvez tenha sido a primeira investigadora a notar a possível influência da obra de Gomes Leal no

Fausto. Num texto intitulado ‘Monologo na Noite’, o Fausto pessoano declara “Eu sou o inferno. Sou o Christo negro” (PESSOA, 2018. p, 197). Em nota a esse texto, Cunha escreve: ‘O Cristo Negro’ (que como tal surgia já em o *Anti-Cristo* de Gomes Leal) ocorre sempre associado à noite e à treva” (Cunha *in* PESSOA, 1988. p, 209). Uma segunda vez, agora em comentário à fala da personagem Christo (BNP/E3, 29-55), Cunha refere Leal:

Depois de textos que magnificam a loucura e o sonho parece deverem colocar-se aqueles que se reclamam de falas, na 1ª pessoa, dos grandes iluminados: Cristo, Buda, Shakespeare e Goethe. De acordo com o proj. 29- 58, permaneceram ausentes desta enunciação Mahomet e Camões. [...] Deve ainda acrescentar-se que já em *Anti-Cristo*, com que Gomes Leal pretendia dar um «Fausto contemporâneo», são convocadas algumas figuras universais estando Buda, Cristo e Mahomet entre elas. (Cunha *in* PESSOA, 1988. p, 209).

Embora o livro *O Anti-Christo* (1884) não conste na BpFP, não há dúvidas de que o poeta o conhecia, pelas duas razões que se explicam a seguir.

Primeiramente, o título aparece riscado numa lista de livros a vender, feita por Pessoa em 1914 (BNP/E3, 93-100r; PIZARRO *et al.*, 2010, p, 436). Embora nos ocorra a interpretação imediata de que os títulos riscados correspondam a livros vendidos, apenas duas dessas entradas estão acompanhadas da nota “and sold”. Assim, é também possível que Pessoa tenha desistido de vender alguns dos títulos riscados; logo o primeiro desses, *Le libre arbitre* de Schopenhauer, sugere tal interpretação, pois o volume ainda existe na BpFP – ao contrário de *O Anti-Christo*, que pode ter sido vendido, oferecido ou perdido.

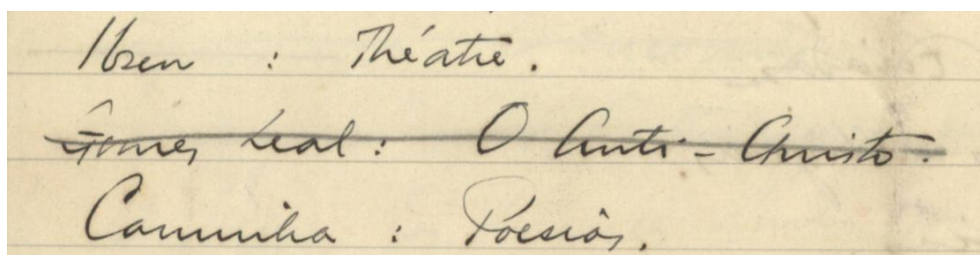


Figura 1 - Título riscado em lista de livros a vender (BNP/E3, 93-100r, pormenor)

Na sequência, Pessoa menciona – e o faz rima com – “Anti-Christo” num poema incompleto de Maio de 1909, intitulado “Ao poeta Gomes Leal”. Trata-se de versos humorísticos assinados Joaquim Moura Costa, autor fictício que Pizarro e Ferrari descrevem como “colaborador previsto dos jornais *O Phosphoro* e *O*

Iconoclasta”, autor de “poesia satírica, antimonárquica e anticlerical” (PESSOA, 2013b. p, 313). Para citar apenas a primeira estrofe do poema em questão:

Vão longe, Gomes Leal,
Os tempos do "Anti-Christo". Com
que então "crente"? Afinal
Chegamos todos a isto.
(BNP/E3, 56-29^r; cf. LOPES, 1990. p, 215).

Apesar da ironia, a opinião de Pessoa sobre Leal também compreendia evidente admiração. Em 1924, quinze anos após aquela sátira e já após a morte do autor de *O Anti-Christo*, Pessoa escreveria o soneto “Gomes Leal”, que apresenta o homenageado como poeta saturnino e que seria publicado em 1928:

Gomes Leal

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.
Seus trez aneis irreversíveis são
A desgraça, a tristeza, a solidão...
Oito luas fataes fitam do espaço.

5 Este, poeta, Apollo em seu regaço
A Saturno entregou. A plumbea mão
Lhe ergueu ao alto o afflicto coração,
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inuteis oito luas da loucura
10 Quando a cinctura triplice denota
Solidão, e desgraça, e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,
Vestigio de maligna formosura...
É a lua além de Deus, algida e ignota.

A N T H O L O G I A

G O M E S L E A L

*Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.
Seus trez aneis irreversíveis são
A desgraça, a amargura, a solidão...
Oito luas fataes fitam do espaço.*

*Este, poeta, Apollo em seu regaço
A Saturno entregou. A plumbea mão
Lhe ergueu ao alto o afflicto coração,
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.*

*Inuteis oito luas da loucura
Quando a cinctura triplice denota
Solidão, e desgraça, e amargura!*

*Mas da noite sem fim um rastro brota,
Vestigio de maligna formosura...
É a lua além de Deus, algida e ignota.*

FERNANDO PESSOA

Será muito antiga, porém, a influência da obra de Leal no *Fausto*. Dentre os livros de Leal que permaneceram na BpFP, destaca-se *Claridades do Sul* (1875). Trata-se de uma leitura cuja data Pessoa chegou a especificar, como 8 de Maio, num diário de 1907 (BNP/E3, 28A-1').

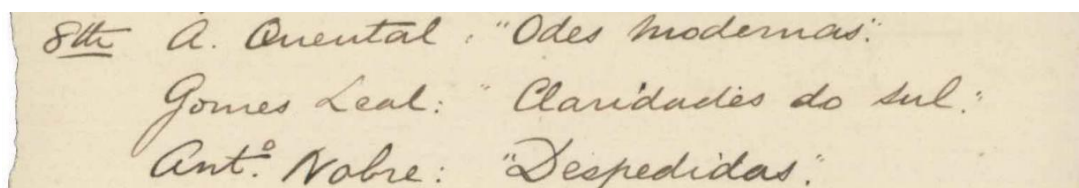


Figura 3 - Leituras de Pessoa em 8 de Maio de 1907 (BNP/E3, 28A-1r, pormenor)

Ora, é também de 1907 que datam os primeiros poemas do *Fausto* pessoano. Isso quer dizer que, para além da explícita influência de Goethe sobre o drama, também Leal terá ocupado a mente de Pessoa, provavelmente como fonte de inspiração. De fato, *Fausto* surge em três poemas de *Claridades do Sul*, sob formas diferentes:

- 1) Como referência no fim do soneto “Á Janella do Occidente” (LEAL, 1901. p, 10):

Apenas sobre o mundo eterno e afflicto,
Procura Fausto o x do infinito,
E Satan dorme em cima do Evangelho.

- 2) Como termo de metáfora no refrão de “Idyllio Triste”, estrofe que abre e fecha o poema (LEAL, 1901. p, 192-194):

Olha, sinto-me exausto
Pomba da minha vida!
Eu serei o teu Fausto,
Sê minha Margarida!

Note-se que Margarida completa a metáfora e que, no mesmo poema, Leal alude ao rei de Thule, o rei da canção que introduz “Margaret” («Gretchen» em alemão) no *Faust* de Goethe; eis a quarta estrofe do poema de Leal (LEAL, 1901. p, 193):

Sob esta curva azul
Amemos, bem amada!
Na torre levantada
Que gema o rei de Thule!

3) Como personagem dramática intrinsecamente a dialogar com Mephistopheles em “Debaixo d'uma Janella”, sem dúvida o mais importante poema para este estudo, não só pelas personagens explícitas, mas também pelas marcas de leitura deixadas por Pessoa em duas estrofes (LEAL, 1901. p, 123 e 125):

A VOZ (*cantando dentro*)

As estrelas mais brilhantes,
Entre as outras as primeiras,
São os prantos de Maria
E o suor das Oliveiras.

[...]

MEPHISTOPHELES (*ao longe*)

O nosso bom arcebispo
Perdeu a sobrepeliz
Uma vez em casa de...
São cousas que o povo diz!

A primeira dessas estrofes, dita por uma voz inominada, abstrata, psicológica, lembra as vozes que apareceriam no *Fausto* pessoano, como pode-se notar no poema datado de 1908- 1909:

Uma Voz Quando a noite suave desce
— Sombra de mãos em perdão —
Ó mão da Tristeza, tece
O Manto da Solidão.
Tece o qual uma mentira
Que o meu triste coração
Quer vestil-o p'ra cobrir
O nú da Desillusão.
(PESSOA, 2018, p,47)

Ainda se deve notar que, para além da presença do próprio Fausto, *Claridades do Sul* inclui diversas referências a “Satan/Satanaz”, “Christo” e “Budha” como

personagens dramáticas, as quais tanto dizem versos como têm versos a si dirigidos; tal como Cunha já notara, «Christo» e «Budha» reapareceriam no *Fausto* pessoano

Christo A sonhar eu venci mundos,
 Minha vida um sonho foi.
 Cerra teus olhos profundos
 Para a verdade que doe.
 A Illusão é mãe da vida;
 Fui doido e tido por Deus.
 Só a loucura incompreendida
 Vae avante para os ceos.

Buddha O meu sonhar foi incompleto
 Por isso eu compreendi
 Que soffrer é o nome do trajecto
 Que o mundo faz de si a si.
 (PESSOA, 2018. p, 85-86).

Dentre os documentos tradicionalmente editados como parte do *corpus* do *Fausto* de Pessoa, há um fragmento sem atribuição, datável de 1909, que é particularmente relevante para este estudo (BNP/E3, 30-31^r). O documento em questão exhibe três decassílabos brancos, escritos abaixo de uma nota rasurada sobre Gomes Leal. Acrescendo a evidência arquivística da influência aqui proposta, este papel relaciona, pelo menos materialmente, Leal e o *Fausto* pessoano. Vê-se que, durante a própria concepção dos versos fáusticos, Pessoa ainda se lembrava de Leal:

<G[omes] Leal – um grande poeta estragado /intimamente/ ->

Tivesse eu mil parentes ou cercado
 Fosse de amigos, camaradas mil,
 Eu estaria tão só como hoje estou.

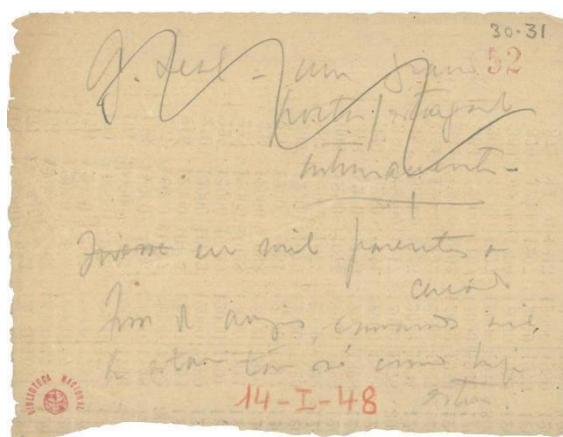


Figura 4 - Nota sobre Leal e versos (BNP/E3, 30-31r)

3 O DIAMANTE PURO DE EUGENIO DE CASTRO

Eugenio de Castro e Almeida nasceu em Coimbra no dia 4 de março de 1869 e formou-se em Letras na Universidade Coimbra, onde mais tarde chegou a lecionar. Em parceria de João Menezes e Francisco Bastos fundou a revista “Os insubmissos” e em 1890, após sua estadia na França entra para a história portuguesa por marcar o início do Simbolismo português.

Na BpFP foi preservado apenas um livro de Eugenio de Castro. Trata-se da antologia *Poesias Escolhidas* (1902). No entanto, dentre os anexos publicados na BpFP (PIZARRO, 2010), surgem três outros títulos de Castro, em listas de volumes que Pessoa planejava vender (BNP/E3, 93- 100).

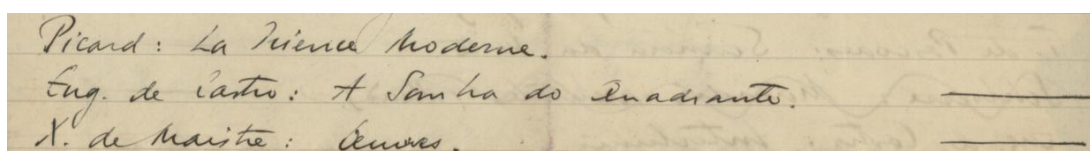


Figura 5 - Lista de livros de Pessoa em consignação (BNP/E3, 93-100r, pormenor)

Um desses títulos, *Interlunio*, surge riscado, o que sugere ter sido vendido; os outros dois que constam dessas listas – *A Sombra do Quadrante* e *Belkiss* – embora não riscados, provavelmente também terão sido liquidados, já que não existem mais na BpFP.

Vale lembrar que, na época, Castro já tinha alcançado uma popularidade considerável, publicando frequentemente em mais de uma dúzia de revistas no fim do século XIX e princípios do XX (como a revista *Imprensa*, 1885-1891, a *Revista de turismo*, 1916-, e o periódico *O Azeitonense*, 1919-1920). Em 1890, ano de publicação do livro de poesia *Oaristos*, Castro seria consagrado como o fundador do Simbolismo em Portugal.

Pessoa foi um crítico mordaz, frequentemente voltando seus juízos àqueles que admirava, como Camões, Victor Hugo, Shakespeare, Gomes Leal e Guerra Junqueiro, para citar apenas alguns que sofreram loas e esculachos de estatura equivalente (PESSOA, 2013a). Não é surpresa que Pessoa também tenha criticado Eugenio de Castro como ícone da poesia “nephelebata”. O neologismo vem da combinação dos radicais gregos *nephélē* (nuvem) e *bátēs* (andador), significando, literalmente, “aquele que anda nas nuvens” e, por extensão, aquele que sonha acordado

ou que desrespeita as convenções.

O termo *nephelebata* já surgia, por exemplo, no livro de Miguel de Unamuno *Por Tierras de Portugal y de España*: “Eugenio de Castro era un nefelibata – uno que anda por las nubes” (UNAMUNO, 1911. p, 13). Duas das principais manifestações *nu- bígavas* (para usar um sinônimo de *nephelebata*), seriam a originalidade rítmica, com cesuras deslocadas nos versos alexandrinos, e a preferência por vocábulos raros no lugar de perífrases, gerando estranhamento. Numa avaliação de Pessoa não datada (provavelmente gerada de um primeiro encontro com a poesia de Castro), o trabalho rítmico dos poetas *nephelebatas*, segundo Pessoa, não vinha acompanhado de uma inspiração à altura:

Eugenio de Castro.

Os livros dos poetas *nephelebatas* são armazens de caixotes d’inspiração vazios, ou livros poeticos sem nada dentro.

/O sentimento do *rhythmo* é em E[ugenio] de C[astro] uma cousa do exterior da sua alma; não é consubstancial com ella./ Mais justo, sente o *rhythmo*, não a alma do *rhythmo*.

O seu verso, mesmo o mais bello, tem um não sei quê de rigido.

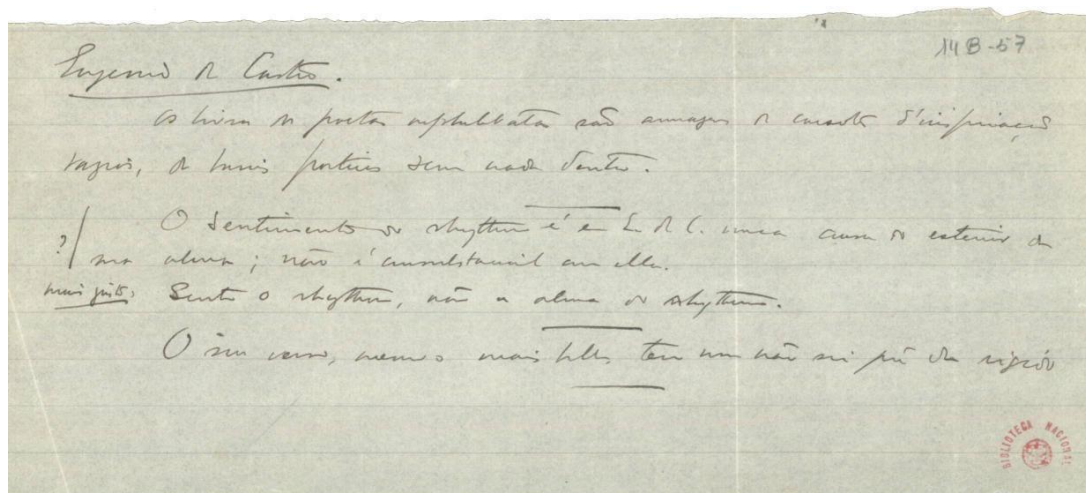


Figura 6 -Crítica de Pessoa à poesia de Eugenio de Castro (BNP/E3, 14B-57r; Pessoa, 2013a: 95).

Por outro lado, há o deslumbre de Pessoa pelo poema “Epigraphe” de Castro, publicado em *A Sombra do Quadrante* em 1906 – título que, como vimos, constava de uma lista de livros consignados por Pessoa. O elogio, datável de 1908, não poupa advérbios e adjetivos sublinhados (aqui transcritas em itálico>):

A “Epigraphe” de Eugenio de Castro é a poesia mais completa e absolutamente *perfeita* que nos lembramos de ter lido em qualquer das linguas que conhecemos. É *lapidar* em toda a extensão metaphorica da palavra. É um diamante puro. (BNP/E3, 14D-26a^r; PESSOA, 2013a, p. 96).

À vista disso, supomos que Fernando Pessoa soubesse de cor ou até mesmo tenha lido em alguma revista já que se trata de um poema curto:

Epigraphe

Murmurio d’agua na clepsydra gotejante,
Lentas gotas de som no relógio da torre, Fio
d’areia na ampulheta vigilante,
Leve sombra azulando a pedra do quadrante,
Assim se escoo a hora, assim se vive e morre...

Homem, que fazes tu? Para quê tanta lida,
Tão doidas ambições, tanto odio e tanta ameaça?
Procuremos somente a Belleza, que a vida
E’ um punhado infantil de areia resequida,
Um som d’agua ou de bronze e uma sombra que passa...

Em meio à críticas e elogios, parece certo que Castro terá influenciado Pessoa. Na lista de influências manuscrita por Pessoa, embora não apareça Castro explicitamente, Pessoa inclui os simbolistas franceses e o simbolismo em geral como influências marcantes entre 1909 e 1913:

1909-1911 – Os simbolistas francezes, Camillo Pessanha.

1912-1913 – (1) O saudosismo (2) Os futuristas (cartas de M[ário de] S[á] Carneiro)

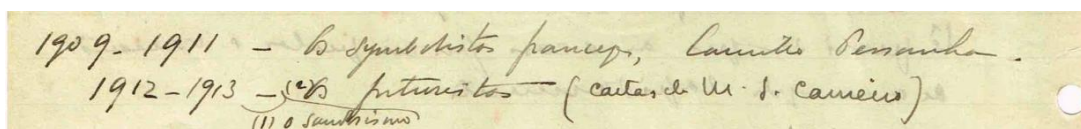


Figura 7 - Influências de Pessoa (BNP-E3, 48D-20r, pormenor)

No único livro de Castro preservado na BpFP – a *Antologia* de 1902 –, há uma série de trechos do poema dramático “Sagramor”, inicialmente publicado em 1895. Segundo Scheidl, há certas semelhanças entre “Sagramor” e o *Fausto* pessoano: “o caminho de tormento de Sagramor aparece cada vez mais marcado pela angústia

existencial e neste sentido antecipa algumas questões centrais do *Fausto* de Fernando Pessoa” (SCHEIDL, 2004. p, 168). Assim, é possível que Pessoa não apenas tenha se inspirado em Castro, mas também se apropriado de traços característicos do poema de Castro. Por exemplo, as muitas vozes incorpóreas que povoam o ambiente sombrio do *Fausto* lembram as vozes metafísicas de “Sagramor”. Tais vozes abundam no primeiro rojão de inspiração do *Fausto* pessoano, com centenas de versos dessa ordem escritos entre 1908 e 1910:

PRIMEIRA VOZ

Ó peregrino, que estás chorando,
 Porque é que choras?
 Anda comigo: rirão cantando
 As tuas horas.

Anda, não tardes! Eu sou o amor.
 Quero dar asas aos teus desejos!
 Por lindas boccas — taças em flor,
 Beberás doces, macios beijos!

(CASTRO, 1902. p,86)

UMA VOZ

Dorme, dorme, eu vou cantar-te
 Melodias d’alem-céu
 E a Illusão ha-de amar-te
 Que por enquanto és só meu...
 Dorme e apaga o pensamento...
 Se pensar é um tormento,
 Ninguem como tu soffreu.

Hei-de envolver-te no manto
 Que a Dôr teceu para ti;
 A Vida causa-te espanto
 E a Morte não te sorri.
 Deixa, deixa que assim seja:
 Minha boca, quando beija,
 Chama o coração a si.

(PESSOA, 2018. p, 47)

4 OS CLÁSSICOS FAÚSTICOS EM EÇA DE QUEIROZ

É evidente a importância de Eça de Queiroz para os rumos culturais do Portugal novecentista. Nascido em Póvoa de Varzim, Portugal, estudou direito em Coimbra e começou sua carreira nos jornais, viveu como diplomata estrangeiro. No corpo de obras queirozianas, percebe-se uma grande variedade de temas e formas distintas, isso demonstra a grande capacidade do autor para sentir e até adiantar o sentido da evolução literária que no seu tempo Eça testemunhou.

Embora seja uma aposta segura que Pessoa tenha lido Eça, o nome do romancista aparece escassamente no espólio e na biblioteca pessoanos. A BpFP não preserva qualquer obra queiroziana. Todavia, como ocorreu com Gomes Leal e Eugénio de Castro, cujos livros eram facilmente vendidos devido à sua popularidade na época, é possível que Pessoa tenha lido e revendido obras de Queiroz. O mesmo documento em que aparecem livros de Leal e Castro deixados em consignação² por Pessoa também lista o estudo de José Agostinho sobre Eça:

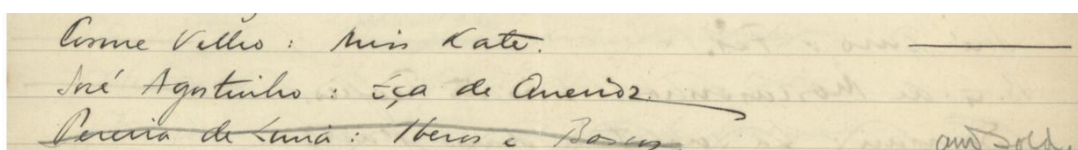


Figura 8 - Lista de livros de Pessoa em consignação (BNP/E3, 93-100r, pormenor)

Pelo menos no caso de um título, pode-se ter certeza sobre a leitura de Pessoa, pois *O Mandarim* é incluído pelo poeta numa lista de traduções a fazer atribuída a Charles James Search, que na ficção pessoana seria o irmão mais velho do mais conhecido – e muito mais prolífico – Alexander Search:

² Neste ponto, vale lembrar que Fernando Pessoa, em certo ponto de sua vida, sobreviveu da venda de seus livros. Ao se tratar de deixar seus livros em consignação é para venda ou troca por alguma coisa para suprir suas necessidades básicas.

Charles James Search.

in l.: Charles Search.

Supposed to be born in 1886 and ∴ [therefore] to be two years older than Alexander [Search].

To be precise, born on the 18th April 1886.

Task: solely that of translation. May write the prefaces to his translations if these do not involve analysis, etc., when they will be written by Alexander.

Translations to be undertaken:

1. Espronceda's "Student of Salamanca."
2. A[nthero] de Quental's "Complete Sonnets."
(together with pessimistic pieces –?–).
3. Couto Guerreiro's "Epigrams."
4. Sonnets (chosen) of Camoens.
5. G[uerra] Junqueiro – Choice.
6. E[ça] de Queiroz's "The Mandarin."
7. "Some Sonnets from Portugal" (excluding those separately translated).
8. H[enrique] Rosa's Poems (Some).
9. Almeida-Garrett – Choice.

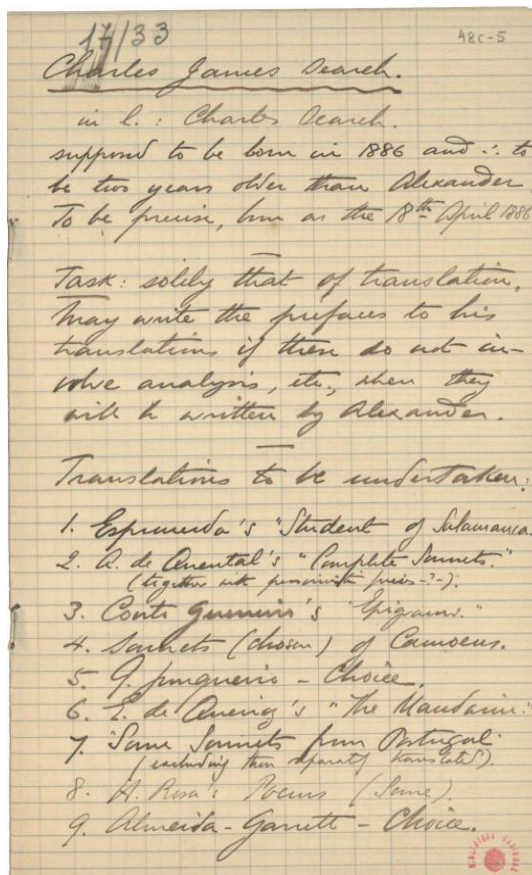


Figura 9 - Traduções de Charles Search
(BNP/E3, 48C-5r; LOPES, 1990, p,196-197)

Contendo um pacto do narrador-personagem com o Diabo, *O Mandarin* retrata a história de Teodoro, um jovem bacharel, amanuense que mora em Lisboa em uma pensão e leva uma vida monótona e pobre, sonha com uma aventura amorosa e dinheiro. Conhece a lenda do Mandarin, segunda a qual, com apenas um toque de campainha, na hora certa, mataria o Mandarin e o tornaria herdeiro de uma fortuna. Mais tarde, entediado e traído por uma mulher, sente-se culpado pela morte do Mandarin e percorre por inúmeros lugares com a missão de compensar a família do falecido.

Acaba por fazer o pacto, com o pedido de trazer à vida o Mandarin e toda fortuna que tivera seria do Diabo. Diante disso, *O Mandarin* é inserido na tradição da literatura fáustica, chegando a referir diretamente "a acida gargalhada de Mephistopheles" (QUEIROZ, 1880, p, 52).

No entanto, não seria esta a primeira nem a última aparição mefistofélica na obra queiroziana. Pois, em *O Primo Bazílio* (lançado em 1878), a personagem Luísa assiste à ópera *Fausto*, de Charles Gounod, que foi baseada na primeira parte do *Faust* de Goethe:

Mas na orchestra correram fortes estremecimentos metallicos, dando um pavor sobrenatural; Fausto tremia como um arbusto ao vento; um ruido de fôlhas de lata, fortemente sacudidas, estalou; e Mephistopheles ergueu-se ao fundo, escarlate, lançando a perna com um ar charlatão, as duas sobancelhas arrebiteadas, uma barbilha insolente, *un bel cavalier*; e enquanto a sua voz poderosa saudava o Doutor, as duas plumas vermelhas do gorro oscillavam sem cessar d'um modo fanfarrão.

[...]

E depois d'uma aria, Fausto, que ficára immovel ao fundo do palco, debateu-se um momento dentro da tunica e das barbas, e emergiu joven, gordinho, vestido de côr de lilaz, coberto de pós d'arroz, compondo o frisado do cabello. As luzes da rampa subiram: uma instrumentação alegre e expansiva ressoou: Mephistopheles, apossando-se d'elle, arrastou-o sô-frego através da decoração. E o pano desceu rapidamente.

(QUEIROZ, 1887. p, 516-517).

Segundo o jornalista Júlio César Machado, escrevendo para o *Diário de Notícias* em 1873, o *Fausto* de Gounod então “se tornara verdadeira mania portuguesa”; estreando em dezembro de 1865, a ópera seria encenada 87 vezes em apenas seis anos (ROSENTHAL, 1990, p, 38-39; *apud* ARAÚJO, 2008. p, 53). É provável que, não apenas Pessoa tenha lido *O Primo Basílio* de Eça, mas que também conhecesse a obra de Gounod, seja via uma apresentação ao vivo, seja via alguma gravação da ópera.

Há outros elementos fáusticos espalhados pelo conjunto de obras de Eça: no conto “O Senhor Diabo”, publicado na *Gazeta de Portugal* (1867), narra-se o último amor do Diabo na Alemanha, numa provável alusão à obra de Goethe, como nota Araújo (2008. p, 52), “Eça de Queiroz começa o conto fazendo comentários sobre o Diabo na história da humanidade e descreve a sua aparição na Alemanha”.

No mesmo ano e para o mesmo jornal, Eça discorre comparativamente sobre a ópera de Gounod e o livro homônimo de Goethe num ensaio intitulado “Mephistopheles”. Ambos textos seriam republicados, postumamente, em *Prosas Bárbaras* (1903), que contaria com ainda outras referências a recriações do mito fáustico (mais de uma dezena delas).

No segundo capítulo de *A Relíquia* (1887), Teodorico Raposo sonha com Mefistófeles;

Depois, por trás de um penedo, surgiu-nos um homem nu, colossal, tisonado, de cornos; os seus olhos reluziam, vermelhos como vidros redondos de lanternas; e, com o rabo infindável, ia fazendo no chão o rumor de uma cobra irritada que roja por folhas secas. Sem nos cortejar, impudentemente, pôs-se a marchar ao nosso lado. Eu percebi bem que era o diabo; mas não senti escrúpulos, nem terror. (QUEIROZ, 1997. p, 107).

Em *Os Maias* (1888), é vestido de Mefistófeles que João da Ega vai a um baile de máscaras.

E assim arranjado, com as canellas vermelhas de diabo apparecendo sob o paletot, a gargantilha escarlata á Carlos IX emergindo da gola, a velha casqueta de viagem na nuca, o pobre Ega tinha o ar lamentavel d'um Satanaz pelintra, agasalhado pela caridade d'um gentleman, e usando-lhe o fato velho. (QUEIROZ, 1888. p,108).

Entretanto, é através de uma obra inacabada aquando da sua morte que Eça intentaria recriar de modo mais ambicioso o mito de Fausto. Trata-se da lenda de *S. Frei Gil de Santarém*, publicada em 1912 num volume intitulado *Últimas Páginas*, que também continha recriações das lendas de São Cristóvão e Santo Onofre. Desde que Almeida Garret propusera em *Viagens na Minha Terra* (1846) a figura de São Frei Gil como o Fausto português, proliferaram tentativas de traduzir culturalmente o mito germânico para o mundo lusitano. Embora incompleta, a tentativa de Eça nesse sentido, ao reescrever a lenda de São Frei Gil, terá sido particularmente influente na literatura portuguesa; a narração contém, como é praxe na prosa de Eça, passagens memoráveis, como a despedida entre Gil e o diabo disfarçado de pobre estudante, após o seu primeiro encontro:

Gil abriu a escarcella, e, corando, tirou uma moeda de prata que pôz na mão do estudante. E, sem saber porquê, sentia uma attracção para elle, como um desejo estranho de se juntar áquelle destino errante. Mas o moço, atirando o cajado para as costas, dando um geito á saccola, partiu. E de novo cantava:
Dia e noite caminho
Para onde irei?
E o saber que procuro,
Onde encontrarei?

A meio da encosta ainda se voltou, acenou com a mão a Gil — e subitamente desapareceu. No chão, em que os seus pés se tinham pousado, a herva seccara toda. (QUEIROZ, 1912. p, 412)

Embora essa obra também não conste na BpFP, há documentos do espólio pessoano que parecem indicar, mais que conhecimento, uma reverberação do Frei Gil queiroziano no planeamento do *Fausto* de Pessoa, como sugerem pelo menos três documentos. A edição crítica do *Fausto* data como de 1912-1913 um cartão com um convite para o “Salão de Humoristas Portugueses”, evento que ocorreu em Lisboa em ambos aqueles anos.

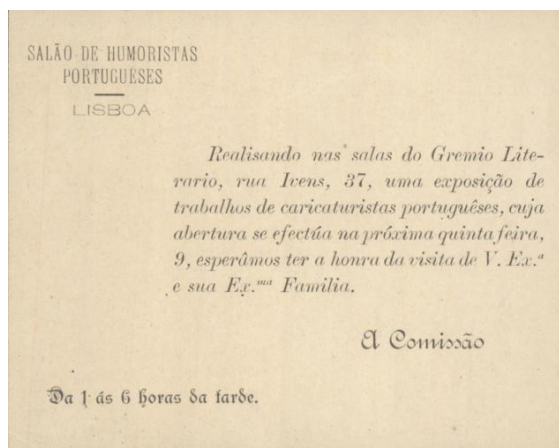


Figura 10 - Cartão do Salão de Humoristas Portugueses (BNP/E3, 48I-12v)

Na outra face desta folha, Pessoa rascunhou um plano de obras que inseria o *Fausto* numa “Trilogia da Noite”, junto a “Jesus Christo” e a uma terceira figura caracterizada apenas como “Um dominador”; abaixo do plano e de algumas notas tematicamente afins, surgem os nomes “Frei Gil” e “Paracelso”, que parecem ser candidatos alternativos a protagonistas da segunda e terceira partes da Trilogia.

Trilogia da Noite

1. Fausto. (a consciencia)
- ? 2. Jesus Christo (a illusão)
3. (Um dominador) (◇)

Meu pae, meu pae, porque me abandonastes?

Judas a symbol. (Satan enters then)

Frei Gil.

Paracelso.

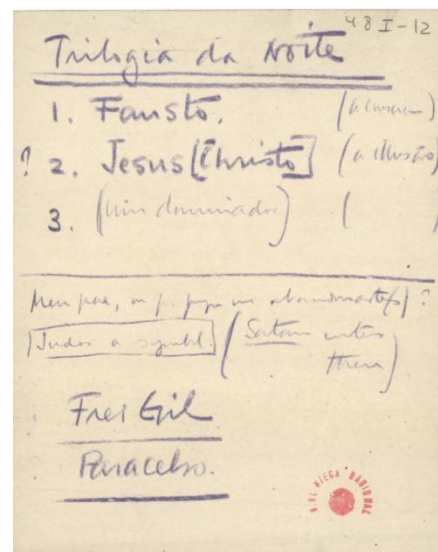


Figura 11 - BNP/E3, 48I-12r (PESSOA, 2018. p, 350).

“Frei Gil” e “Paracelso” reapareceriam junto a *Fausto* numa tríade em dois outros documentos datáveis da mesma época (1913): um deles com os três nomes riscados, outro com notas explicativas ao lado de cada item da trilogia:

Fausto.
 Frei Gil de Santarem.
 Paracelso.

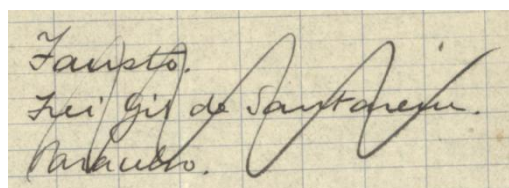


Figura 12 - BNP/E3, 48A-48v, pormenor.

Fausto (ou Outro Fausto): horror da morte puro e simples, por mysterio.

Frei Gil de Santarem: horror da morte por cortar os prazeres á vida; like real Faust-legend.

Paracelso (?): desejo de vida eterna, por vida eterna, por viver simplesmente.

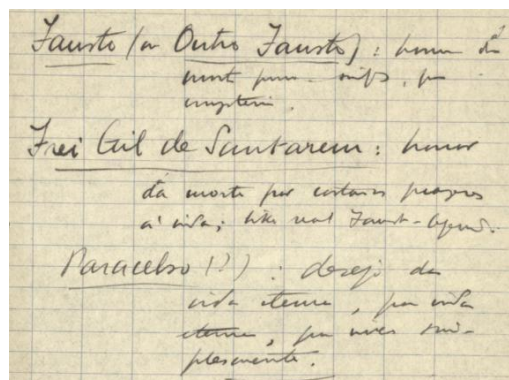


Figura 13 - BNP/E3, 48D-15r, pormenor.

Logo após a publicação da versão de Eça da lenda de São Frei Gil, vê-se, pois, Pessoa a considerar o frei à posição de segundo Fausto numa trilogia noturna. Mais do que influência, parece-nos uma homenagem indireta – pessoana – a Eça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto e análise das evidências encontradas no espólio e na Biblioteca particular de Fernando Pessoa (BpFP), buscou-se tecer uma teia de influências, embora seja forte e inegável a de Goethe sobre o Fausto pessoano, não é única e exclusiva. Desde o início da escrita do drama, em 1907- 1908, pareciam coexistir em Pessoa, pelo menos, influências de Byron e Gomes Leal junto à Goethe. A importância de Eugenio de Castro, mais acentuada entre 1908 e 1909.

Embora secundárias, em termos cronológicos, às influências de Marlowe e Eça de Queiroz a partir de 1912, podem ter sido tão importantes para o desenvolvimento do Fausto quanto as suas influências iniciais. Além disso, diante da apresentação feita aqui e no desconhecimento de provas em contrário, é plausível admitir que esta rede de influências tenha perdurado sobre o Fausto até a escrita dos últimos poemas que Pessoa atribuiu ao drama em 1933, como é o caso de Hawthorne.

Na tentativa de encontrar uma definição para “influência literária” o teórico Hassan (1955) interrogou-se sobre seu papel nos estudos da obra de um autor em particular,

Assim concebida, a idéia de influência equivale, não a causalidade e similaridade ao longo do tempo, mas a múltiplas correlações e múltiplas similaridades operando numa seqüência histórica, operando, isto é, num enquadramento de suposições ditado por cada caso individual. Mas, mesmo concebida desta maneira, um grau de especulação e incerteza parece inextirpável. (...) Como esforço de sugerir padrões em meio à variedade, e como acréscimo ao nobre volume de conhecimento humano, esta busca tem o seu valor, mesmo quando pareça ter pouco a ver com o que entendemos por influência. No mínimo, é parte do que Berdyaev chamou de «o triunfo da memória sobre o espírito da corrupção». (p.73- 74).

As temáticas faústicas no universo de Fernando Pessoa propagam-se em vertigem rizomática, tornando possível vislumbrar o vulto de Fausto, Satã, Lúcifer, Diabo, Mefistófeles, Santo Antão e São Frei Gil em diversas representações transfiguradas. Em um poeta que sempre buscou o conhecimento de si mesmo e que encontrou tantos dentro de si, havia muitas almas disponíveis para barganhar com o diabo.

Embora o trabalho de expandir a rede de influências sobre o Fausto pessoano vá além da sombra exclusiva de Goethe, este trabalho está longe de esgotar os estudos das intertextualidades do drama pessoano que iniciou na minha carreira acadêmica a partir do Grupo de Estudos Lusófonos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná campus Pato Branco/ PR ,sob a orientação do professor dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier e a equipe de pesquisadores de Jeronimo Pizarro, essa investigação teve enfoque em três grandes recriadores da lenda faústica cujos nomes surgiram em transcrições, leituras e apontamentos deixados no espólio pessoano.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, José. **Eça de Queiroz**. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas (col. «Os Nossos Escritores», IV), 1909.

ARAÚJO, Roberta Rosa de. **O Legado de Fausto na Obra de Eça de Queirós** [dissertação de mestrado em Letras]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008.

BEAU, Albin Eduard. *Estudos, vol. II: Goethe – Herculano – Burckhardt – Antero de Quental – Vianna da Motta – Vossler – Croce – Hoffmannsthal – Rilke – Gundolf – Fernando Pessoa – Heidegger*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1964.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002. Tradução de Marcos Santarrita.

BOYD, James. **Goethe's Knowledge of English Literature**. Oxford: Clarendon Press, 1932.

CAMPOS, Breno Martins. **Entre o real e o imaginário: a literatura e o puritanismo de Nathaniel Hawthorne**. 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/012/BRENO_CAMPOS.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CASTRO, Eugenio. **Antologia**. Coimbra: F. França Amado, 1902.

CORREIA, Teresa Soares. **Gomes leal**. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xix/gomes-leal.html#.W_I5MOJRfIV>. Acesso em: 04 nov. 2018.

FERRARI, Patricio. **Meter and Rhythym in the Poetry of Fernando Pessoa** [tese de doutoramento]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Departamento de Linguística, 2012.

HASSAN, Hans Dicter. «**Goethe e o Mundo Lusitano**». *Humanidades: Revista Trimestral da AEFLUP*, 1955.

LEAL, Gomes. **Claridades do Sul**. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal (2ª ed., revista e augmentada) [CFP, 8-308], 1901.

LOURENÇO, Eduardo. **O lugar do anjo: ensaios pessoanos**. Lisboa: Gradiva, 2004.

PESSOA, Fernando. **Fausto**. Edição de Carlos Pittella; com a colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»), 2018.

_____. **Apreciações Literárias de Fernando Pessoa**. Edição de Pauly Ellen Bothe. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda («Edição Crítica de Fernando Pessoa», col. «Estudos», vol. IV), 2013a.

_____ **Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios**. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china (col. «Pessoa»), 2013b.

_____ **Fausto – Tragédia Subjectiva (fragmentos)**. Estabelecimento do texto, ordenação, nota à edição e notas de Teresa Sobral Cunha; prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Presença, 1988.

_____ **Páginas íntimas de Auto-Interpretação**. Lisboa: Ática, 1966. Organização Jacinto do Prado Coelho e George Rudolf Lind.

_____ **Primeiro Fausto**. Organização e introdução de Duílio Colombini. São Paulo: Épopéia, 1986.

_____ **Poemas Dramáticos de Fernando Pessoa**. Edição de Eduardo Freitas da Costa. Lisboa: Ática («Obras Completas de Fernando Pessoa», col. «Poesia», vol. VI), 1952.

_____ «**Gomes Leal**». **O Notícias Ilustrado**, s. 2, 1 (20), 28 Out. Lisboa, p. 7. 1928.

PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio . **A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa / Fernando Pessoa's Private Library**. Alfragide: D. Quixote, 2010.

QUEIROZ, Eça de. **A relíquia**. São Paulo: Publifolha, 1997.

QUEIROZ, Eça de. **Últimas Páginas (manuscriptos ineditos) – S. Christovam, S^{to} Onofre, S. Frei Gil, Artigos Diversos**. Porto: Livraria Chardron; Lello & Irmão, editores, 1912.

QUEIROZ, Eça de. **O Primo Bazilio**. São Paulo: Publifolha, 1987.

QUEIROZ, Eça de. **Os Maias**. São Paulo: Ática, 1998.

SCHEIDL, Ludwig. **Estudos de Literatura de Expressão Alemã Portuguesa**. Coimbra: FLUC, 2004.

SHORTER, Mary Dee Harris (1965). **Faust and Byron: The Influence of Goethe's Faust on Certain Writings of Lord Byron**; a Master of Arts thesis in English. Lubbock: Texas Technological College [URI: <http://hdl.handle.net/2346/61128>, acesso em 15 nov 2018.

UNAMUNO, Miguel de (1911). **Por Tierras de Portugal y de España**. Madrid: Biblioteca Renacimiento.

ANEXOS

ANEXO A - BNP-E3-28A-1r

28A-1

Reading during the month of May.

no note taken before the 6th

6th Abel Botelho: "O Barão de Lavos."

7th finished the above.

8th A. Oriental: "Odes modernas."
 Gomes Leal: "Claridades do sul."
 Ant. Nobre: "Despedidas."

9th Cazotte: "Diabre Amoureux."

10th Poe: "Arthur Gordon Pym."

11th Hollander: Scientific Thursday (begin)
 Sh: "Merchant of Venice."

12th Hollander (continued).

13th Finished Era de Oliveira: "O Crime do Padre Amaro."
 Guerra Junqueiro: "Morte de D. João."

14th Hollander (continued)

15th Ant. Nobre: So. (half).

16th Wurtz: Article on Lavoisier.
 Haeckel: "Anthropogénie" ch. 1.
 Tennyson: Early Poems.

18th Addressin } "spectator": 17 papers.
 + Steele }

19th —

20th Haeckel: Anthropogénie (lessons 2, 3, 4, 5).
 A. Nobre: So. (finished).

BIBLIOTECA NACIONAL

29-55 1x

Christ.

Orbita e espirito

A julhas em seui unidos
 Aninha ^{em} a ^{em} mho fi
 Cerra tens ^{a vando} dhs fuponds
 Para ^{o real} ~~se~~ ^{de} ~~de~~
 A Missão e' mae da vida
 Foi ^{de} doido e ^{foi} ~~foi~~ ^{de} ~~de~~
 De a ^{huma} ^{mimpheinda}
 Que ^{vanta} ^{para} a ^{con}

Chris de de e de morte
 Toda a vida d'lici,
 E omi ^{fi} ^{os} ^{cu} ^{sur} ^{custo}
 Bem ^{pape} ^{la'} ^{fi} ^{em} ^{si}.
 Meu ^{episcopo} e ^{em} ^{pegnico}
~~Choro de~~ ^{estrem} ^{cham} ^{aviso} ^{sem};
 Se ^{se} ^{deus} ^{tem} ^a ^{abico}
 Ke ^{to} ^o ^{me} ^{deus} ^o ^{nao} ^{me}!



130
14-II-29

Com tu ^{em} ^{vem} ^{fi} ^{nada},
 E ^{vult} ^{mais} ^{de} ^{que} ^{em};
 In ^{ludo}. ^{de} ^{hallucinato}.
 Aninha ^{abusa} ^a ^{no}
 Na ^{transmissao} ^{envolva}
^{fupond}

ANEXO C - BNP-E3-56-29r (Mai 1909, Lopes, 1990)

56-29

À parte James Leal

Vão long. James Leal
Os tempos do "Anti-Christ"
Com que entao "crente"? Apocal
Chegamos todos a isto.

Como James Leal
que vem do casamento
de nos mesmos conceitos
de vida.

Como realmente e real,
Chegamos a "athor", a isto...
James Leal, James Leal,
e tempos do "anti-Christ".

109 - Manifest

Mai 109



ANEXO D - BNP-E3-14D-26a

143-26a

A arte é bem que se vê em
a forma - forma de pensa-
ment, form de abstrac, etc.

Dickens - alguns do seus ho-
muns, tentativas, e nos
fios o do estylo attribuido.

A "Epith" de Eugene de
Crest é a poesia mais com-
pleta e absolutamente perfeita
que nos lembramos de ter
lido, em qualquer lingua
que conhecemos. É lápida
em toda a extensão met-
hronia de palavras, e
um ^{suave} belhante poema.
